



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

NOTA DA QUINZENA

DIRECTOR E EDITOR:

Padre Américo

Rua Paço de Sousa, Administração e Propriedade:

Casa do Galato da Póvoa—Paço de Sousa

Vales do Correio para Cete

Composição e Impressão—Tip. da Casa

Nun'Alvares R. Santa Catarina, 828—Póvoa

Preço 1400

NO dia em que fazíamos o peditório na igreja de S. José, Povoa do Varzim, aconteceu ir ficando sem a carteira um senhor que por ela puxara, afim de dar uma esmola a um dos rapazes da sacra. Foi o próprio rapaz que mo disse. O povo deu fé. Houve alarme. Era um carteirista a manobrar. Eu já fiquei de uma vez sem a carteira e sei quanto isso custa. Não ma roubaram. Deixei-a sobre um balcão e nunca mais tive luzes dela. Há dias, os jornais contaram que em Leixões, ao desembarcar, um homem que se sentiu roubado, enlouqueceu. Caso fulminante, êste, mas qualquer outra ferida derivada de um roubo, custa sempre muito a curar. Dantes, quando andava pelas cadeias, era sempre por aqui que eu pegava na doutrina do setimo mandamento, quando me dirigia aos reclusos. Não sabia os crimes, nem isso era da minha conta. Eu era ali um embaixador de Cristo. Defendia os Seus interesses. Abria as feridas que os ladrões causam na alma das suas victimas e deixava correr o sangue. Eles estavam ali a escutar. Naqueles grupos, numerosos, por vezes, não podia faltar o crime de roubo. Se naqueles criminosos houvesse ainda alguma coisa de aproveitador, só por êste caminho. Assim entrava eu nas prisões. Não é a galinha que tu furtas àquela pobre mulher; é o que ela sofre pela sua perda. O seu arranjo! Só tinha aquela!

E' o Evangelho. Se verdadeiramente amamos, como podemos furtar?!

Os jornais diários, não descem a estas *minudencias*. Talvez por êste as dar, seja chamado por muitos o *melhor jornal do mundo!* Os jornais diários relatam os factos. Há colunas deles. São notícias muita lidas. Serão igualmente meditadas? Quem procura as causas?

Quem vai às origens? Eu cá não sei nada. Não posso lêr. O que tenho aprendido é tudo de cór, no meio *desta gente*. E na minha ciência adquirida, posso dizer que há algo bem pior do que um povo sem moral; é a *moral* da classe de gente a que me consagrei. O roubo é uma profissão honesta. Carteiras, é uma especialidade. Quadrilha, um organismo social.

—Que fazes tu?

—Eu sou carteirista.

Quanto não aprendi eu da conversa que começou assim com alguém, algures! Na vida desta gente derrancada, há convicções, há heroismos, há lealdade. Um corpo de doutrina. Eles têm a sua *moral*.

Era de uma vez um homem que saiu de cumprir pena e veio ter comigo. Novo, face rasgada, inteligente. Ouvira falar da minha vida e queria ajudar-me. *Eu sou moedeiro falso*. Era a sua profissão. Apresenta-se

tal qual. Conversamos. Ainda hoje sei o dia e o lugar da nossa conversa, pelo que então aprendi.

O moedeiro queria ajudar-me. *Eu tenho a ferramenta. Você terá todo o dinheiro que precisar*. Eu escutava. Chegou a minha vez de falar e falei. Puz a doutrina. Disse da fraude. Fui buscar o dogma da presença de Deus e suas conclusões. Tudo em vão. Era tarde. O moedeiro já tinha a sua *consciencia* formada. A sua *moral*. Dezenas. Muitas dezenas de rapazes que nós abrigamos, veem daquela doutrina. São daquela *moral*. Não podemos construir, sem primeiramente destruir o que eles beberam no leite. E' decalogo contra decalogo. Eles trazem o seu. Nós temos de impôr o nosso. *Hoc opus!* Desanimar? Não. Então quê? Um acto de fé. Fé na existencia da alma; nas suas potencias; nas suas possibilidades. Fé na Verdade. Acreditar na caducidade da mentira. O decalogo deles deixa cair as folhas no clima da nossa aldeia. Deixas cair a seu tempo. Leva tempo. O decalogo deles é uma herança. Eles são a herança do nosso não fazer caso. Ainda hoje se cuida que tudo se resolve entregando *esta gente* à policia! Outro decalogo! Mas êle há só um. E' o do Sinai. Nem Jesus Cristo lhe buliu, e mais é *O Mestre*. Quem não cumprir um dos mandamentos, é como se não tivesse cumprido nenhum.

E' um bloco de verdade.

E se alguém lhe mexe, por muito grande que pareça ou cuide ser, é chamado minimo na assembleia dos homens justos. O minimo!

Visado pela Comissão de Censura



Eis as caras de dois dos nossos cicerones, que um grupo de excursionistas quis tirar. São eles o *General* (o mais pequeno) e o *faz-me rir*.

Agora mesmo, ao descer a nossa Avenida, e como topasse o *faz-me rir* a subi-la, dei-lhe uma fotografia. Ele ia na companhia de um outro, ambos ocupados a puxar um carro de lenha. Toma das minhas nas suas mãos o retrato, olha, fixa e desata a bater no peito, cheio de contentamento: *Sou eu. Sou eu*. Se alguma vez o Amandio de Melgaço fez rir alguém, foi naquela maré, à vista do seu retrato: *Sou eu!* Rir comunicativo.

O *Eu* é a pessoa. Quando alguns destes rapazes vem bater à porta do meu quarto e eu pergunto quem está, oiço imediatamente uma voz a dizer: *Sou eu*. Arreliado de ouvir e não conhecer, torno a perguntar: *Eu quem?* A mesma voz repete a mesma coisa: *Sou eu!* Tenho aprendido coisas que dantes ignorava. A nossa obra é escola mais dos que pretendem ensinar do que verdadeiramente dos que amam a aprender. Se o rapaz tem tanto amor àquele eu, que o não dá, nem troca, nem quer que ele se misture ou confunda, que vamos nós fazer? Orientar. Disciplinar. Dar o equilibrio. Destruir? Impossivel.

Gosto de meditar e reflectir sobre aquelas duas pessoas que duma vez entraram no templo. Uma delas foi lá pra cima, pró alto, a dizer solememente que fazia e acontecia. A outra pessoa ficou em baixo, ao fundo, a murmurar que não fazia nem acontecia. Ambas na presença de Deus, deram ao mundo lições, cada um a seu modo. Ora nós aqui em casa pretendemos que aquele que diz *sou eu* seja na verdade ele. Ele totalmente, sim, mas humilde. Humildade.

PEDITÓRIOS

Se no mundo houve jamais um homem que, sem a paixão do dinheiro, vive à caça do dito, sou eu! Peditórios. Pedir de muitas maneiras, em muitos lugares, a um mundo de gente. Desta feita teve lugar na Povoa. Foi um domingo. Saí no Morris, de Paço de Sousa. Do Porto, saíram o Amadeu, o Telles, o Licínio e o Zé Eduardo. Foram de combóio. O combóio que parte do barracão da Trindade, a fazer de *terminus*. Foi também, o Manuel Pacheco da Casa Nun'alvares. Não fôra ele e mal me iria! Juntamo-nos todos na sacristia da igreja de S. José, cujo pulpito tem sido pôsto à ordem da Obra da Rua, de há três anos pra cá.

Pedi em três assembleias sucessivas. Melhor; falei, e os rapazes aqui nomeados, iam por entre os circunstantes da missa, sacra na mão. Há episódios que vale a pena narrar. Os jornais são para dar publicidade às noticias dos nossos, em nossa casa. Eis um. Conta o Licínio. Estava uma Pobre a pedir às portas da igreja. Era assim às do Templo, *naquele tempo!* Uma senhora dá-lhe dois tostões. A pobre toma a moeda e em lugar de a guardar na algibeira, guarda a no bolso do Licínio, para ficar a render juros na Casa do Gaiato, e que juros! Outro. E' o Zé Eduardo que relata. Um garôto da rua, na missa, quer saber; pergunta qual é a sacra da Casa do Gaiato. Zé Eduardo apróxima-se.

Ele bota um tostão. Os incognociveis a ensinar os notáveis! Os nossos quatro mendicantes fazem na sacristia os intervalos das missas. Peço desculpa daquele *fazem*. Usa-se muito agora. Ora foi num destes intervalos que o Zé Eduardo provocou mais uma vez ser um rapaz perigoso. Talvez o mais perigoso, em seu genero. Não sei que lhe faça. Zé Eduardo continua a ser o perguntador numero um. Estava um quadro suspenso na parede da sacristia. E' diploma de uma Confraria. Em cima tem uma grande frase de letras grandes, em latim.

—Aquilo que é que diz?

Eu olhei, e com vergonha de lhe dizer que não sabia, apelei prá minha vista, após meus olucos, prá minha idade. O rapaz olha de novo pró latim. Eu estava ali cheio de medo. *Lá vem mais outra pergunta*, ia eu dizendo com os meus

MIRANTE DE COIMBRA

Notícias de Miranda

Um problema difícil!

Não há dia nenhum que a miséria não bata á porta revestida de novos andrajos, a implorar clemência: são mendigos a pedir esmola, presos que querem liberdade, crianças abandonadas para quem não há abrigo, almas aflitas suplicando orações, etc., etc..

—Dizem que F. é muito bom e eu venho pedir, que também sou infeliz.

Dir-se-ia que a Obra da Rua incarnou a missão universal de assistência pública e apela-se para ela na esperança de encontrar solução para todos os casos. Não pode ser.

Acaba de sair daqui um pobre operário. Já não é o primeiro nem o centésimo. Conta a sua



botões Nisto vem-me uma ideia. Bicicleta! Eles morrem todos por andar de bicicleta. Já sei que custa dois mil reis a meia hora. *Queres tu dar uma volta?* Pronto. Adeus latim. Salvei-me. Eram treze horas quando saímos da igreja, em direcção ao almoço. Um senhor veio nos rogar para esse fim. *Não, que somos muitos*, disse eu. O mesmo senhor, fala de uma visita ao Palácio das Duas e meia, hora em que todos estão. *Até é um bem tirar-lhes algum dinheirinho*, disse. Fui. Aquela hora justa, entrava no atrio do grandioso empequenecer todos quantos lhe ficam ao pé! Os senhores estavam a terminar. Creados de libré, retiram as sobras. São migalhas. Eu ia às migalhas! Quedei junto de uma das muitas mesas, logo à entrada da sala. Um senhor levanta-se e sai; aborrecido: *Que chatice*. Disse duas palavras e fui dar volta às mezas. Duas palavras do meu programa, já se vê. Da *chatice* não podia dizer nada. A gente não tem ouvidos. Não pode ter ouvidos. Nem boca. Nem mãos. Temos de saber como se perde a vida se realmente quizermos dar vida às almas!

Eram quinze horas quando saímos do hotel. Daí a pouco, ia falar no Modesto da Esplanada. O alto-falante tinha anunciado. A's horas, estava. Tomei uma saca nas mãos e coloquei-me à porta, à espera. Ai veem as ofertas. Não há ricos, nem há pobres, nem aleijados, nem servos, nem senhores. Quem é que os distingue? Eles também o não fazem. Veem despidos de tudo para serem todos eguaes. Um côxo, andrajoso, rapa de uma caixota de folha, aonde trazia algumas moedas. *Vens pedir*, disse. Não vinha. *Nós temos de dar*. O côxo deita uma das suas moedas dentro da minha saca! Pobre e aleijado!

Chegamos a casa à tardinha. Domingo. Visitantes de toda a parte. Cicerones querem que eu lhes diga primeiro quanto é que eu arranjiar por lá, antes que eles me digam quanto arranjiaram por cá. Parece que somos uma sociedade de arranjistias!

—Quanto tráz?

—Vós quanto tendes?

Eu seguro-me. Não digo. Mas eles não. São muitos. Estão mortos por dizer. Começa um. Vai logo o outro. Daí a nada, sei tudo!

Justamente neste domingo da Povoá, foi aqui uma festa de visitantes. Grupos excursionistas, senhores em seus automóveis, outros pelo seu pé: Um mundo.

A Cooperativa dos Maquinistas e Fogueiros dos Caminhos de Ferro, esteve em péso. O Grupo Foot ball Júlio Diniz, outros e outros deixaram dinheiro e coisas. Tantas que se as fossemos a enumerar, não tinhas mais nada que lêr em o presente numero de o Gaiato!

Outra vez um domingo, dia de pedir. Agora teve lugar S. Martinho do Porto. Gosto de pedir, —por ser uma das coisas que mais me custa fazer! Pedi na igreja, à estação da Missa. E' o melhor sitio, a melhor assembleia. Ali somos todos conhecidos, participantes do mesmo altar, o mesmo baptismo, a mesma fé, o mesmo Deus.

Não faltou a nota de mil escudos, que os filhos de Alguem de Lisboa todos os anos veem trazer. Este ano vinha também a Mãe. Tudo somado e apurado, andou por oito contos a passar. Sem dizer nada de joias e algumas moedas antigas. O Padre Adriano foi ao Luço e ao Buçaco. Ele tem de esgravatar. Nós temos de ser importunos e assim escrevemos em vida as palavras da nossa campa: *aqui jazem dois homens que andaram toda a santa vida à caça do dinheiro*. P. N. A. M. Cheguei à noite, de S. Martinho. Tudo recolhido. Só no dia seguinte é que ouvi notícias de como fôra o domingo e quantos os visitantes. *Eu ganhei um conto*, foi o grito do Melgaço. Os mais cicerones tiveram outros donativos mais modestos.

história e apresenta-se com o direito de ser atendido.

—Estou doente há muito. Acabo de restabelecer-me da terceira pleurisia. Não posso ganhar e tenho mulher e filhos. O médico manda-me sair daqui e mudar de ares já. Não tenho dinheiro. Deixe-me ir para as Colónias de Férias da terra.

—Meu amigo, lamento a sua situação mas, as colónias são só para crianças...

—Mas eu hei-de morrer?... E a minha família?

—Você tem razão, mas que posso eu fazer? Se o caso se resolvesse com 300 ou 500 iria pedi-los para lhos dar, se os não tivesse, mas que é que se faz com esse dinheiro?

—Mas não me diz, insiste, a quem eu posso dirigir-me?

—Não conheço nada para casos como o seu, meu amigo, entretanto, como V. é operário, dirija-se à F. N. A. T.

—E se não for atendido?

—Como chefe de familia, procure o Instituto de Assistência à Família.

Não sei o resultado, mas é de crer que casos como este, fiquem indefinidamente sem outra solução que não seja a terra fria do cemitério.

Estamos tão longe de ver resolvido o problema da habitação, que já nos parece luxo lembrar a construção de pequenas habitações que sirvam para repouso temporário de famílias pobres. Enquanto nada falta nas praias e terras aos felizes deste mundo, há tantos infelizes que não têm sequer uma telha de vidro que lhes permita ver o céu, na escuridão das águas furtadas.

Como não há-de surgir a revolta se os não alumia sequer uma luz mortíca de resignação cristã?

Outros problemas

Não é nada risonha a perspectiva com que se apresenta o futuro de alguns dos nossos rapazes do Lar. Isto de encontrar a noiva ideal (tal como lhes foi apresentada no livro «Matrimónio Católico») de convencer «aquela santa», de descobrir uma casinha decente e de renda acessível, uma mobília modesta, um ordenado estável e suficiente — são problemas que a maioria vai encarando com sociedade mas não com optimismo.

De duas uma: ou o rapaz se atira à aventura confiando demasiadamente na sorte, cu retarda demasiadamente a saída com prejuizo dos que esperam vez p'ra entrar.

O Chico, logo que se apanhou livre do serviço militar, voltou a casa radiante: *agora vou arranjar o meu ninho*.

Mas passou um ano e os meses vão-se sucedendo.

—Então Chico, você quer ficar para tio?

—Deixe-me cá! Não tenho sorte nenhuma. Já pedi namoro a umas seis. E' tudo a mesma coisa: só querem luxo e dança. Assim não me servem. Nós vimos para casa às tantas e elas vão para os ranchos dançar com outros. Raios as partam...

—Não seja tão persistente. Procure que há-de encontrar. Cada um tem o que merece e o Chico merece uma boa companhia.

A vitória é dos que lutam...

E' muito fácil a uma trepadeira subir animada a uma estaca, mas árvores seguras e frondosas são as que se bastam a si mesmas. As tempestades tem a vantagem de fortalecer-lhes as raizes. Ele há rapazes que querem ser trepadeiras, eu porém, fujo quanto posso ao tradicional sistema da cunha. Que cada um se baste. Luta pela vida.

E' sempre com satisfação que vamos encontrar colocados na vida, à custa do próprio suor, algum rapaz que foi dos nossos.

Há dias num eléctrico, de Lisboa, alguém me bateu nas costas. Volto-me e dou com o Batelli, primorosamente fardado. Está com um bom ordenado como chauffeur nos carros de comando da Polícia.

Pouco depois encontro outro que deixa a oficina própria em Coimbra, por uma óptima colocação na capital.

O caso mais típico porém, é o do Alberto. Andou aqui pelo lar uns dias desalentado, depois reagiu — vou estabelecer-me!

—E o capital?

—Há-de aparecer.

Pôs anúncios nos jornais. Apareceram vários capitalistas para aumentarem, é claro, o seu capital. O Alberto fazia demonstrações, discutia, mas não convencia.

Por fim apareceu um capitalista, amigo da

Em cumprimento de uma promessa feita pelo sr. Padre Adriano, organizou-se, domingo, 24 de Agosto, um passeio de bicicleta, às Ruínas Romanas de Conimbriga um trageito de 40 Km. ida e volta. Acompanhou-nos no trageito o nosso professor.

Logo pela manhã de domingo sentia-se bastante agitação dentro do Lar. Uns preparavam-se para o passeio, outros preparavam-se para ver largar os passeantes. Saiu-se de casa um pouco antes do meio-dia. Hora de calor que, em virtude de entusiasmo, poucos ciclistas sentiam.

Finalmente souo a hora da largada. Rostos alegres e bicicletas a andar, sobre a vigilância do nosso professor, que ostentava um grandioso apito para chamar os adiantados e os atrasados. Começa-se a subir as ladeiras. Um deles, o que ia á frente, o Lisboa (ferreiro) pensando que o resto da caravana ainda vinha longe volta-se para trás e grita: Rapazes! vocês não veem? Mas com tanta atropelamento e infelicidade que a roda da bicicleta entortou, indo pelo monte abaixo embateu contra uma árvore. O pobre do Lisboa foi progetado indo cair no meio dumas silvas e a bicicleta dependurada num galho duma árvore. Todos correram para ele mas vendo que se levantava prontamente e com um sorriso nos lábios tudo acabou em gargalhadas gerais. Continua-se o trageito. Para-se aqui para beber água e pouco tempo depois já tudo marchava outra vez.

Continuava a marcha através dos montes quando, a 2 quilómetros, de Conimbriga, novo desastre vem provocar novos risos. Seguiu o rapaz que veio do Porto para o nosso lar, ao lado do nosso professor, quando o último lhe disse. Olhe daqui já se vê Conimbriga. E ambos tão absortos na contemplação dessas ruínas, estavam que, sem darem por isso, as bicicletas se iam juntando. De-repente deu-se o inevitável. Chocaram-se. O sr. professor aguentou-se e seguiu, mas o pobre do rapaz, a-pesar-de todos os seus esforços de equilíbrio, não conseguiu evitar o tombo. O rapaz que seguia logo atrás dele, o Pedro, para evitar o atropelamento do amigo também não conseguiu evitar uma queda desastrosa. Mas tudo acabou como a primeira queda. Tudo risos nada mais.

Finalmente chegámos. Levavamos dentro dum saco alfino o almoço que nós próprios deveríamos cozinhar. Mas — ó infelicidade, — só nos meteram dentro do saco bacalhau cru e pão. Imediatamente o sr. professor tomou providências. Toca a procurar uma venda (loja) onde se arranja batatas, azeite, sal, pratos e talheres. Tudo se arranjou felizmente e, ao fim duma hora, tudo comia com voracidade.

Mais outro tombo se registou. Outro rapaz, o Zé Maria, não notando uma depressão de terreno pôs as pernas por cima da cabeça e vice-versa, até que, como os outros, tudo acabou nas mais francas gargalhadas.

Quando nos preparavamos para regressar ao lar, mais uma catástrofe veio atingir dois dos nossos ciclistas. O Lisboa (seminarista) e Zé Maria tinham as bicicletas furadas. Tiveram que ir a Condeixa distante um quilómetro consertar as rodas, razão que chegaram um pouco mais tarde que os restantes. Felizmente a viagem de regresso foi sem novidades.

Quando chegamos foi um delírio com os nossos rapazes.

Chegaram os nossos ciclistas!

Chegaram os nossos ciclistas!

Assediaram-nos com perguntas. Uns, benévols, respondiam a tudo, outros, cansados e sem paciência mal arrumaram os seus veiculos foram logo jantar. E, finalmente, amigos leitores queis saber como acabou o passeio às ruínas de Conimbriga?

Acabou num sono reparador que só foi interrompido no dia seguinte de manhã.

Obra, que pôs à disposição do nosso rapaz, todo o dinheiro preciso — quero que ele se faça um homem.

O Alberto exultou e atirou-se ao trabalho. Um dos rapazes do Lar fez os balcões, outro a instalação eléctrica. Monta motores, compra ferramenta, e agora é o homem mais feliz do mundo na sua espingardaria. Caçou habilidosamente o segredo da oxidação ao seu velho mestre. Está seguro da arte. Não tem mãos a medir: os fregueses não o largam e tem trabalho até altas horas da noite.

E' um exemplo de ousadia e persistência.

P. Adriano.

Do que nós necessitamos

MAIS sete toalhas de Gouveia. Toalhas de cara. Resposta ao nosso apêlo. Três, são oferta do assinante, duas de uma senhora, uma de outra senhora e a derradeira é de uma creada de servir.

Ontem também recebemos roupas e uma toalha de Anadia. Domingo que passou, entre as infinitas coisas que nos deixaram os grupos de visitantes, vinha um pacote de toalhas. E esperamos mais toalhas. Nós esperamos tudo. Mais roupas de um rapazinho que ficou bem no exame. Mais retirado do Depósito, nova carapuçada de envelopes, dos quais se retirou dinheiro, e também pacotes de roupas, sendo muitos deles de toalhas: uma toalha, três toalhas, outra vez uma toalha e uma grande dúzia de metros de pano para fazer toalhas. A costureira estava, mediu com os olhos e disse—Doze. Parece-me que desta feita não vamos à loja por toalhas. Oxalá. Estas são de maior valor.

Mais de Lisboa uma caixa de Vitacola para o gaiato que você foi buscar a Coimbra. Assim como das toalhas, também esta oferta é uma declaração de amor à *Obra da Rua*.

Ela ocupa o pensamento de milhares de portugueses. Eu respondo com o dito das mães: *quem meu filho ama, minha boca adoça*. O rapaz encontra-se muito melhor. Com a pressa que tem de ficar bom de todo, êle mesmo leu as instruções e toma por suas mãos o fortificante. Habita aqui na cabana mais eu. O Bernardino é quem nos cozinha. Nos dias em que tenho de me ausentar para longe e com demora, fecha-se a porta e mudo o doente para o hospital da aldeia. Parece que é uma tuberculose fechada. Assim dizem os médicos mai-los aparelhos de ver a gente por dentro. O peor é que o homem é de tal maneira constituído e por tal forma um desconhecido, que nem vendo-nos por dentro sabe o médico quem nós somos! São homens a ver homens. Homens a estudar homens.

Ora o homem não é feito pelo homem, e aqui é que está.

Uma vez que falamos deste doente digamos também algo sobre castigos e ponhamos já o principio:

Quem castigar o rapaz da rua, pode saber porque é que o faz, mas não sabe quem castiga. Este era muito indolente. Foi cozinheiro na Casa de Paço de Sousa. Serviu duas casas de comércio no Porto. Estava agora numa em Coimbra. Todos os patrões diziam o mesmo: *Faz má cara ao trabalho*.

Hoje sabemos porquê!... Outros, teem doenças de outras naturezas, que os levam a toda a sorte de *faltas*. Castigá-los? Eles são herdeiros da vida e costumes das tócas. Eles são a herança. Mais uma toalha pelo correio; é branca, com uma tira côr de rosa. Mais um vale da quantia de 827\$70 que é o produto dum peditário feito entre os convivas da Missa Nova do P. Manuel da Silva Coelho de Fides. Mais *From a few members of the Oporto British Club who play Bridge on Wednesday evenings and give their to charity*. O ganho deles, naquela 4.ª feira, foi 500\$00. Tanto quanto mandaram. Fazem assim todas a quartas. Dão em família. Honra seja aos Desconhecidos. O primeiro povo a levantar a mão e a indicar ao mundo o apostolado do *incrível* padre Damião, foi o inglês O povo inglês. Roupas, dinheiros, materiais de toda a espécie. Os ingleses ajudaram o Padre Dameão a morrer leproso no meio dos seus leprosos. Assim êles me ajudem a morrer no meio deste cisco e que Deus me ajude também para que eu nunca venha a cair na lama que pretendo levantar! Isto peço eu sempre. Isto peço eu aqui a todos quantos me leem, para que peçam a Deus por mim. Se o sal se derranca, de que serve?!

O *incrível* Padre Damião caiu numa ilha habitada por homens doentes e sem cura. Estavam ali pra morrer. Eles sabiam. Era o desespero. Era a morte e depois... *Nada!* O Padre Damião vai e dá-lhes da sua vida. Da sua vida interior, comparticipante da do Verbo. Faz-se sangue, morre leproso no meio dos leprosos e aquêle *Nada* tornou-se vida. Vida eterna!

FÉRIAS

O Manuel Pinto, da Casa Nun'Alvares, esteve em gôso de férias cá na aldeia. O Ferreirinha era também pra vir, mas não veio. Ele é da Casa Ferreirinha. Passou-as no Lir, como ajudante de cozinha! Ele que diga porquê! Se a ele custou, mais a mim. O Amândio da Casa H. Caiano & C., mai-lo Licínio da *Camisolandia* também estiveram oito dias cada um. Esperam-se mais.

ASSINATURAS PAGAS

Além do livro aonde se inscrevem os assinantes certos, há o livro dos prováveis, e estes são em grande cópia. Acontece que uma grande parte recebia o jornal e não se explicava. Cête, o mais refilão dos três directores do jornal, vem ao meu escritório e reclama. Que assim não pode ser. Ou sim ou sopas!

Por sua vez, o Avelino, que vai todas as quinzenas ao Porto, dirigir a expedição do periódico, o Avelino, ia dizendo, mais calmo do que o seu companheiro, diz-me que não seria nada mau dar uma sacudidela ós leitores e que para isso, continua, poderia incluir dentro do jornal, aquela mesma circular que servira para sacudir os certos. Que tinham ficado muitas destas circulares. Que a primeira corrida, ós certos, dera bons resultados e que agora, com os prováveis, havia de ser na mesma. Isto me disse o Avelino, antes de embarcar pró Porto e eu achei bem. Avelino, leva de Paço de Sousa uma grande lista com nomes dos tais e das tais e na maré da expedição, enfia a cada um sua.

Começam a chegar a Paço de Sousa vales do correio. Mais vales. Mais vales. Olhe, é dos tais, informa o que vai pelas cartas. Ontem, chegaram dezasseis de uma assentada. Calhou ir o Cête ó correio. Berra lá do fundo da Avenida: Dezasseis. Sim ou sopas?

Outros assinantes, aproveitam a passagem por estes sítios e veem dar o dinheirinho, eles mesmos. Outros, mandam cartas a chorar:

Tem sido meu descuido imperdoável não ter mandado satisfazer a importância da assinatura do nosso jornal. Mando 200\$ pois de maneira nenhuma quero ficar sem ele. *O assinante que assim bate no peito e tamanha penitencia se impõe (200\$00) chama nosso ao famoso jornal. Não seria a redacção a perder nada; ele é que perdia tuão, se por ventura o cortássemos. Dito deste, dito de todos. Não é um jornal do mercado. É um tesouro das almas. O nosso jornal. Outra carta doutra terra começa: Tem imensa razão se protestou por nós não termos ainda pago a assinatura do Gaiato amigo. Esta, em lugar de nosso, chama-lhe amigo. Vem a dar na mesma. Tudo fará este assinante para se não ver privado de amigo, e manda o dinheirinho. Protestar não. Protesta racionalmente, todo aquele que se julga ferido nos seus direitos, mas este não é o nosso caso. Não estamos feridos, tão pouco temos direitos. A chapa de mendigo só dá direito à esmola. Mas gosto de ouvir o Cête a refilar, isso gosto. Fica-lhe bem. Ninguém chega ós calcanhares do nosso jornal e eles não mandam crôas. Crôas pra frente. Mande a circular. Vamos sacudi-los. Já se vê que eu não posso entrar de maneira nenhuma nestas violências. São eles.*

P. S.—*Chegou agora mesmo do correio o Avelino, com dezanove jornais devolvidos, todos de Leiria. Pousa sobre a mesa de trabalho e desata a barafustar: v. fez uma grande festa no jornal ós de Leiria por não devolverem e olhe aqui dezanove! Calei-me. Tomei a lição. Nunca mais torno a botar foguetes!*

EM MAIO

Mário Grave, Castelo Branco, 100\$; Joaquim Bernardo, Guarda, 20\$; Armindo Silva, Porto, 20\$; Amélia do Carmo Vinhas, Porto, 25\$; Augusto Figueiredo Neves, Lisboa, 50\$; Adolfo Alves, Porto, 30\$; A. R. Silva Lima, Porto, 50\$; D. Emilia Ferreira Peneda, Porto, 25\$; Padre Bento Amaral, Lamego, 25\$; Laurinda Leopoldo da Silva, Lamego, 25\$; Firma Lopes Requeijo, Lamego, 25\$; Francisco A. da Costa Fernandes, Abrantes, 20\$; Domingos da Costa Amaral, Santa Comba Dão, 30\$; Amélia Monteiro de Carvalho, V. Nova do Ceira, 20\$; Francisco Crêspo, Trancoso-Cogula, 200\$; António Pereira Garcês, Lousada, 10\$; Maria José Pacheco da Fonseca, Lousada, 20\$; Maria Luiza Barros Mendes, Cête, 20\$; António Guedes, Porto, 30\$; D. Ana Camossa Nunes Saldanha, Lamas da Feira, 50\$; Ramos & Campos Sucres, Porto, 50\$; Francisco Sena Esteves, Porto, 25\$; José Antunes Couceiro, Espinhal, 25\$; Manuel M. Castro Lopes, Cucujães, 100\$; Ilda Gomes Mota, Lisboa, 100\$; Maria das Neves do A. Semblano, Sinfães, 20\$; João Maria Azevedo Lima, Esposende, 25\$; Maria Adelaide Semblano Brochado, Sinfães, 20\$; António Ferreira Aspra, Torres Vedras, 10\$40; L. P. C. J. — Anónimo — Porto, 20\$; Maria Júlia Azevedo Lima, Esposende, 40\$; Maria de Lourdes Costa Artur, Lisboa, 25\$; Bartolomeu Sobreiro, Peniche, 30\$; José Flores, Estoril, 50\$; Retrozaria Valbom, Cascais, 25\$; Comandante Raul Furtado, Parede, 20\$; Armando Moraes, Porto, 50\$; Bernardino Maria, Lisboa, 50\$; Dr. Guilherme Augusto Faria, Porto, 30\$; P. P. Franciscanos, Espanha, 50\$; Maria da Glória Soares Lima, Carrazeda de Anciães, 20\$; D. Maria do Carmo Faria, Chaves, 50\$; D. Antónia Faria Granjo, Chaves, 50\$; Judite Vieira da Silva N. Barata, Cabeção, 50\$; José Duarte Curto, Covilhã, 20\$; Maria Máxima Costa, Coimbra, 50\$; João Vicente Ferreira da Silva, Anadia, 20\$; D. Maria de Jesus Nascimento, Anadia, 20\$; Marcelo dos Santos Guerra, Anadia, 20\$; Benilde Araújo de Castro, Lisboa, 20\$; Estela Maria Aguiar, A'gueda, (2 anos) 50\$; Padre Manuel Lopes Perdigão, Leiria, 50\$; Acácio Almeida Baptista, A'gueda 25\$; Padre A'ureo Fi-

gueiredo, Vagos, 50\$; Irmã Superiora do Hospital de Anadia, 25\$; Irmã Maria de Fátima Antunes, Famalicão de Anadia, 50\$; Padre José Ribeiro, Curia, 50\$; Padre Abel Condesso, Anadia, 100\$; Padre Joaquim Rodrigues Pinho, Requeixo-Eixo, 50\$; Padre Lúcio R. Marçal, Alcoentre, 50\$; Júlio Fernandes Pinto, Barcelos, 20\$.

Padre Caitano Lucas dos Reis, Vila Nova do Ceira, 50\$; Joaquim Antunes Candeias, S. Tiago de Cacém, (4 anos), 100\$; D. Maria da Anunciação Gomes, Aguiar da Beira-Fontearcadinha, 40\$; D. Alfredina Santos, Gouveia, 20\$; D. Maria do Carmo Pires Moura, Sertã, 30\$; Cristiano Cabral Nunes, Covilhã, 50\$; Alberto Carvalho, Casino Estoril, 50\$; Joaquim Moreira de Sousa, Castelo da Maia, 20\$; Padre Rodrigues, Valença, 50\$; António Monteiro Prior, Gulpilhaeira-Batalha, 20\$; Francisco Vieira, Hortas-Batalha 40\$; André Henriques Vieira, Bico Sachos-Batalha, 20\$; D. Ana de Figueiredo, Hospital da U. de Coimbra, 50\$; D. Aurora Carvalho Moreira; Castelo de Paiva, 20\$; Tenente João José Rodrigues Mano, Coimbra, 40\$; D. Maria Alice Dias Pereira, Porto, 30\$; José Maria Moreira de Melo, Porto, (2 anos), 50\$; Fernando Queiroga Santos Oliveiros, Coimbra, 30\$; D. Rosa da Silva Alvaro, Senhora da Hora, 20\$; José Maria Simões Lopes, Porto, 20\$; António Manuel da Silva Neto, Lousada, (2 anos), 50\$; D. Adélia Costa, 50\$; Viscondessa de Alter, 50\$; Viscondessa de Botelho, 50\$; Mário Luis de Soure, 50\$; Ricardo Ribeiro, 50\$; D. Guilhermina C. Lopes Dias Ferreira, 50\$; todos de Lisboa. Fausto Cardoso de Figueiredo, Estoril, 50\$; D. Maria Amélia Luzia de Sá Osório Leitão Cabral de Tovar, Celorico da Beira 20\$; Padre António Neves Afonso, Coimbra, 50\$; Dr. Alberto Sobral, Coimbra, 20\$; Dr. Dias Newton, Lisboa, 100\$; D. Aurora Moreira Ribeiro, Estoril, 30\$; D. Alda de Sequeira Costa Andrade, Inhambane, 50\$; António Dias Cruz, Cadafaz 40\$; Abel de Oliveira, Vale de Azares, 20\$; D. Maria da Conceição da Fonseca Eulália, Cadafaz, 100\$; Farmácia Ferreira, Monte Redondo de Leiria, 20\$; D. Judith de Magalhães, Lisboa, 30\$; D. Maria de Lourdes Eliseu, S. Martinho do Porto, 30\$; Dom António da Cunha e Lorena, Carregado, 20\$; D. Clementina Pinto Leite, Porto, (2 anos), 50\$; J. Monteiro de Lima, Porto, 100\$; Manuel Franco, Foz-Porto, 40\$; José Teixeira Silva, Foz-Porto, 40\$; António Fernando da Silva Ferreira, Porto, 30\$; Manuel Parinha Portela, Lisboa, 50\$; Eduardo Santos, Porto, 50\$; Capitão Aviador Fernando Rezende, Paço de Arcos, 50\$; Vicente Rodrigues, Vila Nova de Ourém, 500\$; Renato Teixeira Lopes Cantista, Régua, 200\$; Manuel Maria Lopes Cantista, Chaves, 100\$; Tenente Mário Lourenço dos Santos, Covilhã, 150\$; Tenente Aviador Alvaro Figueiredo Cardoso, Tancos 50\$; Manuel Atayde Pinto Mascarenhas, Lisboa, 100\$; Armando Simões Pereira, Oliveira do Hospital, 50\$; D. Maria da Glória Serpa Pinto Monteiro, Sinfães, 25\$; Leonard A. Pearson, Lisboa, 100\$; Dr.ª Professora D. Deolinda Margarida Ribeiro, Covilhã, 40\$; Engenheiro Rolando Marques do Carmo, Lisboa, 50\$; General Joaquim Maria Neto Porto, 100\$; D. Margarida de Miranda Lima, Niteroy-Brasil, 120\$; Amigos da C. do Gaiato da M. de S. Pedro da Cova por Intermediário de Vasco Matos Trigo, 40\$; António Pereira da Mota, Porto, 100\$; Joaquim Soares Santos Júnior, Porto, 20\$; Sindicato Nacional dos Barbeiros e Cabeleiros do Porto, 35\$; Aida Marques de Castro Vilas, Porto, 30\$; António Ribeiro, Porto, 20\$; Joaquim Barbosa, Porto, (2 anos) 50\$; António dos Santos Monteiro, Porto, 20\$; D. Maria Josefina de Vasconcelos Casqueiro Ramos, Paço de Arcos, 20\$; Ilídio Jorge Baptista Alves Carneiro, Trofa, (2 anos) 50\$; Amadeu Reis, Porto, (2 anos) 50\$; Alberto José de Mendonça, Porto, 20\$; Arlindo Correia de Mesquita Guimarães, V. N. Famalicão, (2 anos), 50\$; Henrique Megre, Porto, 50\$; José Jesus Fernandes, Porto, 20\$; Professora D. Carolina Pinheiro, Senhora da Hora, 30\$; Reinaldo Bento Ferreira, Mesão-Frio, 40\$.

Vilva Lopes Pereira, Porto, 30\$; José Dias Coelho Rechousa-Valadares, 30\$; Manuel Alves de Azevedo, Porto, 40\$; D. Virginia Costa, Porto, 60\$; D. Rita Leão Ferreira, Porto, 150\$; D. Joaquina de Vasconcelos Sousa Machado, Viana do Castelo, 20\$; Dr. Azemito Dias Carvalho, Paço de Sousa, 40\$; Alvaro Lopes da Costa, Cucujães, 500\$; José Riobom, Covilhã, 20\$; Augusto Spratley Pinto da Silva Junior, Porto (3 anos), 100\$; D. Emilia Leite de Castro, Fafe, 40\$; Bernardino Rodrigues Lopes, Mondrões-Vila Real, 40\$; Anónimo, J. S. N., Viseu, 100\$; Menino Carlos Travassos Martins, Lisboa, 25\$; D. Isabel Pinto Braga, Braga, 20\$; Amadeu Pereira, Viseu, 50\$; Maria Manuela Ferreira da Costa, Peniche, 25\$; Manuel Francisco Ameixeira, Porto, 25\$; D. Glória de Sousa Gonçalves Paredes [2 anos] 50\$; Engenheiro Aleixo de Melo Vaz Pinto, Lisboa (2 anos) 100\$; Céu Frias de Abreu e Silva, Porto, 50\$; D. Maria Luiza Folque, Colégio S. José, Vila do Conde, 50\$; José Pinto da Silva Lelo, Porto, 100\$; Matias do Rosário Fernandes, Evora 50\$; Mario Mira, Monchique [2 anos], 60\$; Laura Nascimento Pires Frade, Estoril, 20\$; Joaquim Simões Costa, Sangalhos 100\$; José Augusto Alves, Lisboa 100\$; Adolfo dos Santos Rosa, Covilhã, 50\$; Albano Constantino Rosa, Covilhã, 50\$; Francisco de Almeida, Covilhã, 50\$; Emilia Carmo Peixeiro, Covilhã, 10\$; Dr. Mário Costa, Bragança, 50\$; Henrique Cortesão, Lisboa, 100\$; D. Zulmira Leite Pedroso, Santa Marta de Penaguião 22\$; Maria José Amália Guedes, 22\$; Maria José Reis, 22\$; Maria Odete Vaz, 22\$; Maria Celeste Medeiros, 22\$; Maria Clara Fernandes, 22\$; Maria Lucilla Sampaio, 22\$; Maria Zulmira Pedroso, 22\$; Maria Ermelinda Moraes, 22\$; Maria Julieta Reis, 22\$; Teresa Maria Chaves, 22\$; Ana de Carvalho Martins, 22\$; Maria Cândida André, 22\$; Maria Luiza Cabral, 22\$; Laura Boura, 22\$; Maria Teresa Barroso, 22\$; Maria Adelaide Azevedo, 22\$; Maria Elza Madureira, 22\$. Todos de Vila Real.

Um donativo

Cincoenta mil escudos que alguém, julgo que de Lisboa, depositou no Banco Espírito Santo de Lisboa, para a Casa do Gaiato.

No próximo número havemos de conversar. Temos muito que conversar.

Isto é a Casa do Gaiato

UM dia destes sai de casa em direcção ao Porto, levando na minha companhia dois rapazes para colocar, hoje felizmente colocados. Não sabendo que eu regressava no dia seguinte, um dos chefes escreve e subscrita para o Lar uma carta, a mim dirigida. Era uma lauda cheia. Vinha lá muito interesse e muito zelo de quem escreveu. Era tudo a dizer que um dos rapazes que eu levava da aldeia, talvez não viesse a dar bom nome à nossa casa. O rapaz repetia muitas vezes este conceito no corpo da carta: *Olhe que ele não é de confiança*. Não é. Eu bem sei que ele não é. O próprio, a quem já deram dois fatos de simpático que é, também não tem grande confiança em si, como varias vezes aqui me disse, em maré de confidencias. E como ele declara que tem medo de si mesmo, tenho eu um bocadinho de confiança nele! Vamos a vêr. Nós temos de dar a estes rapazes uma oportunidade de enfrentar as ocasiões. O medo que ele confessa delas, é humildade. Sendo assim é fortaleza. Por outro lado, o Porto ajuda-nos. Os donos das casas aonde os nossos trabalham, teem-nos ajudado. Primeiramente o avio. Depois a ameaça. Por fim o castigo. Mas há aqui um ponto que muito me consola. E' a carta do chefe dirigida a mim, aonde se esboça o perigo que pode vir ao bom nome da nossa casa, se o novo empregado não souber cumprir. Este rapaz, que também andava por lá, dá um bom testemunho de si e também da obra. Isto mostra como os rapazes estão bem, vivem felizes e se encontram em sua casa.

AGORA são trunchudas. Sairam batatas da terra, trunchudas à terra. Andaram 13 dias a tirar batatas, outros tantos andarão a meter trunchudas. E' o Sérgio e o Pastor e o Fernando e o Bartolo e o Jacinto e o arneiro e o Daniel e o Veiga e mais e mais e mais. Outros de regador na mão, regam a planta. E' uma bicha deles. *A trunchuda quer pegar diz o povo. Só quer pegar, repete o povo. Querendo dizer com isso que não quer ser regada.*

OUTRO trabalho que trazemos actualmente em mãos é a lenha. Reserva de lenha para o inverno. O ano passado ninguem se importou e não faltaram por isso disputas nos meios aonde a lenha interessava. Eram os da cozinha do forno mai-los da cozinha da ase-mãe. Os fornecedores queriam lenha seca. Os cozinhadores queriam lenha seca. Uns pra cozer o pão, outros pra fazer o caldo e por causa do zelo de todos, passaram-se aqui coisas bonitas: *olha que tu levavas na cara mas é!* Ora este ano não há-de repetir-se a mesma desordem. Anda uma grande malta de meudos a serrar toros. Outro grupo encastela. Dois homens racham. Teem de ser homens. E' eucalipto. Os rapazes não teem força. Trabalho. Recuperar pelo trabalho. E' a recuperação mais saudavel, a mais alegre, a mais eficaz. Todo o que foge de nós, pode dar a desculpa que quizer, sim, mas a razão é só uma: não quer trabalhar.

O Sapo veio hoje ter comigo, delirante. Tinha estado uns senhores. Ele é cicerone. Andou a mostrar e veio-me dizer assim: *os senhores gostaram muito de mim e quiseram que eu fosse mostrar os bois*. A creança contente por terem gostado dela. E' justamente neste sentido que toda a creança havia de andar sempre alegre. *Os senhores gostaram muito de mim*. O Sapo nem podia falar de contente. Porque é que o garoto do tostão quando o pede nas ruas, põe uma cara que não é a dele, de triste e amargurada? Porque? Por lhe parecer que os senhores não gostam dele. Podem gostar. Podem, até, afligir-se com a sua sorte, mas ele não sabe. Não dá fé. Não há um sinal. E o garoto vai-se embora triste, com o tostão ou sem ele.

QUANDO saio a pedir, apenas chego sou logo rodeado pelos mais velhos a perguntar: *correu tudo bem?* São os mais velhos. Os mais proximos da vida. Os que já compreendem. Eu digo-lhes tudo. Outros, mais espertos, veem no meu rosto, aquilo que muitas vezes escondo. Nunca trago, já se vê, aquilo que quero nem tanto como precisamos. Trago o que me dão. E' a sorte dos pobres. Da Figueira, trouxe uns cinco contos. Trouxe não e bem assim. Dei ao P.º Manuel, um novo comilão. E'

um sacerdote que nos deu, para a obra, o Senhor Bispo de Coimbra. Já nos deu dois, o senhor Bispo de Coimbra. Ele foi à Figueira ao meu encontro. Apenas saio a capela do Forte aonde pedira a estação da missa, ai vêm as mãos do P.º Manuel em direcção ó sacco: *Dê cá*. E eu dei. Já disse alguém que nós somos os padres cartelistas? Uma senhora muito apagada e muito discreta, ali na praia, veio ter comigo e deu-me duas notas grandes. São assim os verdadeiramente grandes. Não se mostram. Andam escondidos. E' preciso procura-los.

RAZÃO têm os visitantes quando dizem ó Sapo que gostam muito dele. E' um dos rapazes mais abertos da aldeia. Uma das coisas que ele mais gosta de mostrar, e mostra sempre, é a cama dele. A cama aonde ele dorme. E' assim: Toma a dianteira, senta-se na cama, olha em redor e informa, contente: *esta é a minha cama*. Sem sair daquela posição, a rir-se de contente, o Sapo baloiça-se e exclama: *tem molas!* Mas faz mais. Com medo que os senhores não acreditem na maravilha das molas, Sapo desce da cama, levanta o colchão e mostra: *olhe-as aqui!* Eu cuido que é uma alegria muito particular que este rapaz sente em ter hoje cama, que o leva a mostra-la. Ter cama é um luxo. Cama de molas, não se fala! *Tem molas*. Chegaram aqui há dias dois moicanos de Lisboa. Era tardinha, fomos à ceia. Eles conheciam um que cá temos também de Lisboa, da casa do Ardina, e vieram ao cheiro dele. Comeram o caldo na casa do forno. De camas é que estavamos mal. Fui-lhes dizer que não tinhamos cama. Vi na expressão dos dois que a cama é um luxo. *Não precisamos de cama*. Dormiram no chão da casa IV, em construção. Ora o Sapo mostra o seu luxo. *Olhe!*

ESTAVA eu a rezar as minhas contas na varanda do refeitório, quando vejo passar um ás cavaleiras do outro. Mais. Noto que trazia um pé entropado o que vinha a cavallo. Ambos eram pequenos, ambos da oficina de alfaiate. Julio e Orlando. O Julio é um dos muitos desconhecidos que temos na aldeia. O Orlando, é nobre. Tem sangue nobre. E' Nighlingale. E' filho de uma sobrinha da celebre fundadora da hoje obra internacional chamada Cruz vermelha. Que acontecera ó Orlando? Nada. Uma ferida num pé. Era preciso ir à enfermaria, mas como lhe custasse apoiar no chão o pé doente, vem a maca. *A maca*, tal qual a vi passar. Eles é que resolveram tudo. Assim como a água da fonte, também brotam da alma destes rapazes as grandes decisões. E' deixá-los.

—Que é isso Julio?
—E' o Orlando. E' uma ferida que ele tem. Não pode andar e como ele é pequeno, levei-o às costas à enfermaria.

Eis a informação que o samaritano me deu. Este fez mais. Tomou às suas costas o doente.

O Tiroliro saiu de porteiro e foi nomeado nas suas vezes o Zé da Lenha, que exercia as funções de ajudante de enfermeiro, como toda a gente sabe. Nomeação e exoneração foram feitas em tribunal. Tem havido vários pedidos na aldeia para o preenchimento da vaga que o Zé da Lenha deixa. O primeiro a pedir-me foi o Sapo. Ora eu vejo aqui um bocadinho de presunção, a não ser que seja mas é vontade de lamber as dietas, como fazia o Zé da Lenha. Sendo assim, pior para o Sapo. Seja como for, por enquanto não se fazem nomeações. E' assim que se costuma fazer nos altos comandos. Quando todos querem a pasta não se dá a nenhum, até ver. Quanto ao Tiroliro, esse passou para os trabalhos do campo, com recomendação especial de o fazerem andar prá frente, até aos calos.

O Zé da Lenha, deixou duas vagas. A de enfermeiro e a de cicerone. Claro que para porteiro de uma casa como esta nossa, nem todos servem. E' um posto de muita responsabilidade. O porteiro é o termómetro. E' o espelho. A de enfermeiro já foi solicitada, como se sabe, pelo Sapo. Quanto à de cicerone, as disputas são cerradas. Tem havido bulhas: *sou mas é eu!*
Era o Pirulas mai-lo Ardina, ambos com a braçadeira que fôra do Zé da Lenha, a puxar cada um para seu lado!

ESTAVA agora mesmo na sacristia, vindo de celebrar, quando chega ao pé de mim o Gaspar a dizer que o Orlando não podia com os rapazes. Sim, vinha de celebrar. Ai de mim se o não fizesse com toda a força da alma! Ai de mim se não fosse a pedra do altar! Por isso mesmo a quiz nua, fria, custosa, —igual à vida da gente. O Mestre nasceu com a face voltada à Cruz. Mas continuemos. Ouvido que foi o recado, fui por aí abaixo ver o que havia. Que era? Que havia de ser? E' que o Joaquim cego tinha ido de véspera à sua terra natal, por uma semana, e deixou o Orlando, que é o Santa da Lenha, à frente dos trabalhos da sua secção. Os rapazes são muitos e muito bulhentos. O serviço é disperso e muito variado: serrar, encastelar lenhas, escolher batatas da semente e de comer e ainda, tirar um resto delas da horta do senhor Joaquim. Ora isto tudo, para um rapaz de 11 anos, é muito. Que admira que ele mande recado. O que me admira é o ter ele reconhecido a sua impotência e pedido socorro. Isso é que é de admirar e de aprovar. Por isso mesmo, em vez de aldeia dos rapazes, eu antes queria que dissessem *aldeia dos homens pequenos*.

EU moro numa cabana aqui na mata. Fugi da aldeia. O Bernardino de Coimbra é o cozinheiro. O Carlos de Tábuia, é o comensal, por doente. O Bernardino, foi um que há tempos roubou e fugiu e a meio do caminho arrependeu-se e voltou a pedir perdão e agora comemos juntos e dormimos na mesma cabana! O Chico de Cazaldêlo aparece por aqui às vezes, ouvir música. *Tanta coisa linda que a gente aqui ouve*. E' à noitinha que ele vem. Quê? Tem nós porventura um rádio na cabana? Oh desgraça se tal fôra! O Chico aprecia outra musica: O silêncio da floresta com os acordes de passarinhos e bichos nocturnos. *Tanta coisa linda!* Eis do que ele gosta. Quando é que o mundo há-de regressar a estes gostos, os mais consentâneos com o nosso espirito, — quando?! Se não fossem próprios do homem, não gostaria deles esta creança. Amo esta creança por ela amar as coisas eternas! O silêncio! *Tanta coisa linda!* A alma dele é que é linda!

O Daniel do campo veio hoje à cabana trazer-me um presente. Digo Daniel do campo, para o diferenciar do Daniel da erva, que é inteiramente outro. Que é que me trouxe o Daniel do campo? Foi à horta dele e deu-me dois pepinos: *são da minha horta!* Sem descurar os trabalhos do campo, arranja tempo, também, para curar da sua horta. O Daniel juntou na cabana. Eram horas. Foi arrôz, caldo, pão, alfaces, vinho e maçãs assadas com açúcar. A gente diz muita coisa, mas foi sópa e um prato.

HOJE recebeu-se uma encomenda vinda do Seixal. Foi aberta na cabana. Tivera sido na aldeia e adeus encomenda! Coisa única. Interessantíssima. Bonecos de cortiça. Assobios de cortiça. Originalidade. Bom gosto. Perfeição. Não sei se ainda é assim, mas dantes, mandava Portugal pró estrangeiro cortiça em prancha e importava do estrangeiro cortiça trabalhada. Aquela mesma cortiça que foi ontem no vapor, vinha hoje n' vapor! Ainda será na mesma?! Vinha na encomenda uma caixa à parte a dizer por fôra *Periquito*. Era um rapaz, uma rapariga de saias, três saias de cortiça, um assobio e uma bola pequenina. Chamei aqui *Periquito*. Encareci. Recomedei que collocasse na loja prós fregueses admirarem. O resto ficou na cabana.

UMA outra encomenda que nos mandaram de máximo interesse e valor, foi um volume da História Sagrada para crianças, com desenhos a cor. Que coisa linda, útil, acertada, —tudo bom! Que é da palavra pra dizer o que sinto da obra e quanto devo a quem mandou? Anda aqui o precioso livro de mão em mão. Uma história que uma lei, acorda dentro de si outra história. São cordas afinadas, ajustadas. Tocada uma, as outras respondem. E' pena ser caro. Deve ser livro dispendioso. As nossas edições da Escritura são caras, por isso pouco lidas.

ESTÃO as uvas a entrar em franca maturação. Já as há, até, perfeitamente maduras, em algumas latadas. Os rapazes sabem... A quinta é muito grande. As videiras estendem-se por toda a quinta. Os rapazes teem licença para se estenderem também. Eles são em número de cento e cinquenta. Ora tomando em conta todos estes dados, facil é de compreender qual não seria a tremenda dificuldade na vida da nossa aldeia. Dificuldades deles e dificuldades nossas. Eles, tentados pelos cachos. Nós, a preveni-los da tentação. Quem dera cá depressa o dia da vindima! Ontem de manhãzinha atravessava da choupana onde habito, na mata, para a capela da aldeia. São uns bons 15 minutos de caminho. Ao passar por debaixo duma latada, vejo sinais de terem ido às uvas. Chamei o Sergio. Fomos ver. Sim. Andaram. *Não foi mais ninguém senão o do mato*, disse o Sergio. Não se enganou. Nesse dia tinham de facto ido alguns ó mato, pelo que madrugaram. Cedinho. Tudo na cama. Cachos loiros e orvalhados... Quem pode? Não houve tribunal porquanto os faltosos, interrogados, disseram que sim. Não houve tribunal, para este caso, mas houve tribunal a prevenir casos semelhantes. Falou-se áspero e claro. Todos escutaram. Vamos ver.

Uma carta

«Sou pároco há sete anos. Neste tempo aprendi que há só uma maneira de salvar os homens: Fazer-lhes bem. Prêgar, sacramentos, catequese, acção católica sem acção social não rendem. O homem é alma e corpo ao mesmo tempo. Acção religiosa e acção social ao mesmo tempo também. Se não, não. Se não, nada. Se não, comunismo».

Meu caro Padre. Meu caro amigo e colega; deixe cá ver um abraço! Assim, sim. Ai estão as linhas mestras; as bases da construção. Sem elas ninguém faz nada. O que é o comunismo? Sede e fome destas linhas mestras! A igreja ensina, pelo seu ministério. Denuncia. Põe os princípios —mas não faz! A lei do mínimo esforço anda muito por lá. Pior. Chamam tólo aos que procuram fazer alguma coisinha!